

09/030  
29/7/96 7  
04

# A nós, as florestas!

ASPÁSIA CAMARGO

**T**em sido difícil para este país continental e diverso forjar um novo paradigma de desenvolvimento, bem diferente daquele que se pautou pela busca exclusiva do crescimento a qualquer preço. O novo modelo já começa a inspirar-se na prática do desenvolvimento sustentável, isto é, na busca obsessiva de qualidade gerencial, social e de vida.

Esta prática exige sério combate ao desperdício dos recursos utilizados e a incorporação do princípio da contabilidade ambiental, garantindo a reposição imediata dos estoques naturais que somos obrigados a consumir ao crescer.

Cada país tem o seu ponto vulnerável e, no Brasil, nosso calcanhar-de-aquiles são as florestas, em função de sua misteriosa biodiversidade, medida pela densa variedade de espécies vivas. É difícil explorar sustentavelmente um hectare de terra de Mata Atlântica, que concentra o recorde mundial de até 400 espécies diferentes, muitas ainda desconhecidas. Se elas desaparecem — e estão desaparecendo em ritmo vertiginoso — cessam também as últimas oportunidades de regeneração e de conhecimento, através dos "corredores de biodiversidade" que podem interligar os fragmentos próximos ainda existentes. A importância das florestas nativas é tão grande quanto a rapidez com que as destruímos, convertendo-as em campos agrícolas e de pastagens, em zonas povoadas e extensas favelas.

Felizmente, nosso desenvolvimento não foi tão rápido nem tão eficaz a ponto de destruí-las todas: temos ainda as mais extensas florestas do mundo, embora da Mata Atlântica restem apenas fragmentos. A destruição das matas afeta as reservas de água e produz a degradação dos solos que se multiplica de norte a sul, criando pontos desérticos que chegam a Alegrete. Da floresta dependem os cursos d'água e muitos rios, como o São Francisco, o Rio das Velhas e o Rio Doce, estão enfermos ou desaparecendo.

Não existe mais o Brasil deitado em berço esplêndido: recuperar matas ciliares e proteger nascentes é hoje uma garantia de sobrevivência.

Não fomos nós que iniciamos a fúria devastadora contra as matas e as florestas. Foi a própria civilização, mas como grandes proprietários do patrimônio que sobrou, cabe-nos defendê-las. Vista no curso da modernização como fonte de perigos e ameaças à expansão do homem, a floresta passa a representar, na era pós-moderna, a natureza ameaçada. A Amazônia profunda, floresta gigante,



espaço de solidão e intocabilidade, encarna hoje a virgindade ameaçada, o símbolo do inconsciente global que emerge em busca do estado de natureza e do "bom selvagem".

Não seria esta a compensação necessária à indigestão de progresso e ao artificialismo do mundo civilizado? Impedir sua destruição pelas beiradas, nas zonas de expansão de fronteiras, eis uma ação urgente e necessária que vamos empreender com coragem.

Plantar e replantar florestas homogêneas de uso comercial é uma vocação natural deste país continente, que compete com a indústria da madeira dos países nórdicos, Canadá e Estados Unidos, já que as nossas árvores crescem muito mais rápido do que as deles. Mas, de forma inexplicável, falta profissionalismo na exploração de nossa base florestal, jogamos fora dois terços da madeira que

derrubamos e a cultura governamental, muito caipira, trata a floresta como se fosse terra improdutiva ou simplesmente matos!

Especialmente, predomina ainda o velho extrativismo itinerante que já devastou grandes áreas no Paraná, em Santa Catarina, no Sul da Bahia e do Pará, e que se comporta como se os recursos naturais, ou nosso território, fossem inesgotáveis. Na Amazônia, os interesses econômicos driblam as dificuldades de exploração racional da biodiversidade promovendo o corte seletivo das espécies mais nobres, como o mogno, e descapitalizando a economia florestal da região. Para o segmento moderno de base industrial, só agora está sendo formulada uma política florestal digna de sua importância no PIB e de sua capacidade de exportar e de gerar empregos.

Mudar o paradigma, neste particular,

significa entender que temos vocação florestal e que podemos expandir a produção e dar maior valor agregado a novos produtos: a indústria moveleira, casas de madeira mais baratas, a energia de biomassa, a biotecnologia de produtos florestais, ou o artesanato ligado ao turismo.

Plantar em áreas degradadas e socialmente carentes significa oferecer ao solo as melhores condições de recuperação e ao pequeno produtor a oportunidade de acabar com o modelo oficial do latifúndio florestal, como vem ocorrendo em Minas. Finalmente, estimular a floresta plantada e proteger a floresta nativa são medidas complementares, não excludentes que simbolizam na prática o propósito do ministro Gustavo Krause de "fazer a economia conversar com a ecologia".

Ao ampliar a oferta de madeira no mer-

cado, alivia-se a pressão comercial sobre a floresta nativa remanescente, consumida como fonte de energia para produzir lenha.

A biotecnologia, indústria global da biodiversidade, é hoje protegida pela lei, de patentes e cabe agora defender os interesses da nossa biotecnologia nascente.

Estamos começando a investir mais nos recursos em biodiversidade e criando leis que garantam o seu controle legal, fraudado pelo contrabando generalizado de espécies desconhecidas. Só assim estaremos dando oportunidades de êxito a um segmento altamente competitivo da indústria brasileira.

Melhor do que chorar o passado é apostar no futuro. A nós, as florestas!

ASPÁSIA CAMARGO é secretária-executiva do Ministério do Meio Ambiente.